

TEORIA DA OTIMALIDADE: Uma abordagem não derivacional da prosódia marubo*

Jaqueline dos Santos Peixoto¹(Museu Nacional / UFRJ)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho lida com a prosódia Marubo (língua indígena de acento de altura, morfológicamente ergativa, e falada por um grupo que habita o Vale do Javari). Essa língua foi recentemente classificada como trocaica-iâmbica silábica por Costa (2000). Nosso interesse no estudo do Marubo consiste em revelar quais restrições agem para que a localização do acento de palavra passe de uma regra final à esquerda para uma regra final à direita. Para tanto, levaremos em conta os trabalhos realizados anteriormente, sobretudo aqueles realizados por Costa sobre o Marubo², e determinaremos os limites entre duas categorias de acento encontradas nessa língua: os acentos não-marcado de natureza rítmica e/ou morfológica, e o marcado, que passaremos a identificar como os verdadeiros iambos do Marubo. Os principais problemas colocados pela prosódia do Marubo são: a) a convivência entre troqueus e iambos; e b) o deslocamento acentual ocorrido quando está em jogo a marcação de caso ergativo.

Em termos gerais, a Teoria da Otimalidade, realiza uma abordagem do papel das restrições de boa formação lingüística, operando com um conjunto universal de restrições³ e com quatro princí-

* Este trabalho foi desenvolvido no período em que a autora era bolsista de Iniciação Científica – CNPq.

¹ Agradeço a orientação recebida da Dra. Marília Facó Soares, durante o desenvolvimento deste trabalho. E agradeço também as sugestões feitas pelo revisor anônimo deste artigo.

² Estamos lidando aqui com dados tratados por Raquel Costa e com dados recolhidos, em 1990, pela indigenista Natália Gaudeda, na época ligada ao CIMI/ (Conselho Indigenista Missionário)/ OPAN (Operação Anchieta) e atuante na região do Vale do Javari. (ver nota 13).

³ Esse conjunto universal de restrições constitui um reflexo das tendências universais presentes nas línguas naturais.

pios, a saber: a violabilidade, a hierarquia de relevância, a inclusividade e o paralelismo. Além disso, integram esse quadro teórico dois mecanismos formais: Gerar (Gen)⁴ e Avaliar (Eval)⁵.

2 ANÁLISES ANTERIORES DA PROSÓDIA MARUBO

Como uma boa parte dos trabalhos realizados sobre o Marubo foi feita em termos da teoria métrica, traçaremos o percurso das análises existentes sobre essa língua para, em seguida, propormos uma solução para a convivência entre troqueus e iambos em seu sistema acentual pela via da Otimalidade.

Costa (1992), formulou, pela primeira vez, a seguinte Regra Fonética de Regulação Rítmica em Marubo: “O limite máximo de sílabas iniciais não-proeminentes em um nome é de apenas uma. O limite máximo de sílabas finais não-proeminentes em um nome é de três, com o aparecimento de um padrão derivado. A última sílaba não-proeminente tornar-se-á proeminente se um ou mais formativos forem acrescentados. Então os padrões rítmicos binário e ternário se restabelecerão”. A partir da Regra Fonética de Regulação Rítmica do Marubo, é possível prever a existência empírica de dois níveis para a regra de acento nessa língua. São eles: (i) o nível lexical, responsável pela localização do acento primário (de palavra); e (ii) o nível pós-lexical, que, sendo responsável pela regulação rítmica da língua, provoca o aparecimento dos padrões rítmicos primário (constituído por uma única sílaba não-proeminente), ternário (formado por duas sílabas não-proeminentes) e derivado (constituído de três sílabas não-proeminentes), conforme descreve Costa (1992). Adiantamos, então, que a construção de iambos e troqueus em Marubo parece ocorrer apenas no nível pós-lexical. A motivação para a convivência de troqueus e iambos no nível pós-lexical da regra de acento da língua Marubo tem origem, entre outras coisas, na proposta de estudo do ritmo dessa língua no nível pós-lexical, realizada por Crespo (1999). Não

⁴ Responsável por gerar todos os *outputs* possíveis para um dado *input*.

⁵ Avalia os candidatos gerados, conforme suas posições relativas no interior da hierarquia de restrições. Cabe a *Eval* indicar a forma ótima, escolhida entre os *outputs* possíveis.

obstante, a construção do ritmo no nível pós-lexical encontra-se anteriormente sustentada na própria regra fonética de regulação rítmica do Marubo.

Dando continuidade ao seu estudo do acento em Marubo e estabelecendo o troqueu silábico, numa análise preliminar, como o pé básico da língua, Costa (1998, p. 101), propõe dois níveis para a regra de acento nessa língua, conforme se verifica abaixo, em (1). Posteriormente, considerando os pressupostos da fonologia lexical, Costa (2000, p. 147-148) distingue em (1) dois tipos de acentos em Marubo, a saber: em (1 a), o acento lexical (nível 1), construído da esquerda para a direita, com regra final à esquerda; e, em (1 b), o acento frasal (nível 2), também construído da esquerda para a direita, mas com regra final à direita. A Análise Local Fraca presente tanto na regra de acento lexical -nível 1 (1 a), quanto na regra de acento frasal -nível 2 (1b), é responsável pela construção de pés não-adjacentes. Em outras palavras, os pés em Marubo encontram-se separados por sílaba saltada. Com base, então, em Costa (2000, p. 49-54), observamos que os pés passam a figurar de forma adjacente somente em virtude de regras de ressilabificação ocorridas no nível pós-lexical -nível 2 em (1b). O parâmetro da Análise Local Fraca, que prevê a não adjacência entre categorias prosódicas de mesmo tamanho, desaparece, então, no nível pós-lexical da regra de acento para o Marubo, emergindo em seu lugar a análise local forte. O desaparecimento da Análise Local Fraca ocorre com o apagamento de núcleos vocálicos de sílabas desgarradas - o que desencadeia o processo de ressilabificação. Dessa forma, fenômenos como a síncope e a apócope são localizados, em Marubo, a partir do nível pós-lexical (1b), tendo seus efeitos percebidos somente na frase fonológica. Ainda em relação à regra de acento no Marubo, mostrada em (1), cabe observar que tanto a permissão de que pés degenerados sejam portadores de acento lexical, desde que em posição forte (1 a), quanto a proibição desse tipo de pé portar acento pós-lexical (1b) parece prever que a palavra prosódica (*prosodic Word*) seja localizada no nível lexical. Em outras palavras, a proibição fraca que atua sobre pés degenerados no Marubo permite que monossílabos lexicais constituam palavras prosódicas, preservando sua autonomia acentual e sendo licenciados como itens lexicais.

(1) Regra de Acento No Marubo⁶:

(a) Nível 1: Regra de Acento Lexical

Construa troqueus silábicos da esquerda para a direita, obedecendo ao parâmetro da Análise Local Fraca.

Pés degenerados são permitidos em posição forte.

Camada de Palavra: Regra Final à esquerda.

(b) Nível 2: Regra de Acento Frasal (regulação rítmica)

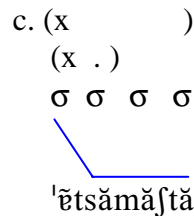
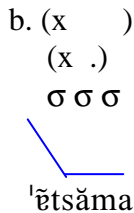
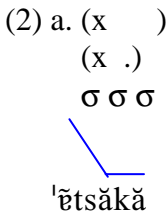
Construir troqueus silábicos ao final da palavra, da esquerda para a direita, de forma não adjacente ao pé inicial, obedecendo ao parâmetro da análise Local Fraca.

Pés degenerados são proibidos.

Camada da Frase: Regra Final à Direita.

(Observação: Análise local Fraca⁷: quando um pé for construído, alinhar a janela para outra análise, saltando /[~] /, onde for possível. (valor marcado do parâmetro.)

São de Costa (1998, p. 101) os dados que exemplificam a aplicação da regra de acento do Marubo, conforme se segue abaixo (2)⁸:



⁶ Cf. Costa (1998, p. 101)

⁷ Cf. Hayes (1995, p. 308)

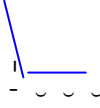
⁸ σ = sílaba.

A partir de (2), percebemos com facilidade que os dados (2a), (2b) e (2c) são uma amostra, em termos fonéticos, do padrão rítmico ternário da língua; enquanto o dado em (2c) é ritmicamente derivado. Ressalta-se que, caso fosse acrescido um novo formativo (monossilábico) em (2c), isso provocaria o aparecimento de um acento na sílaba imediatamente precedente ao novo formativo, tal como previsto em (3). A consequência dessa acomodação prosódica no ritmo Marubo é, então, o restabelecimento do padrão binário, através da construção de pés no nível pós-lexical, conforme aponta a análise desenvolvida por Crespo (1999), discutida a seguir. O que significa que a língua indígena Marubo constrói pés após a localização do acento lexical, devido a pressões de boa formação rítmica sofridas pelo componente prosódico.

A regra fonética de regulação rítmica do Marubo constitui, desta forma, uma evidência empírica que sustenta que a construção dos pés dessa língua é feita no nível pós-lexical.

(3) Regra Fonética de Regulação Rítmica em Marubo (Costa (1992)):

“O limite máximo de sílabas iniciais não-proeminentes em um nome é de apenas uma. O limite máximo de sílabas finais não-proeminentes em um nome é de três, com o

aparecimento de um padrão derivado  A última sílaba não-proeminente tornar-se-á proeminente se um ou mais formativos forem acrescentados. Então os padrões rítmicos binário e ternário se restabelecerão”.

Tendo em perspectiva a regra de acento no Marubo vista em (1), a partir de Costa (1992, 1998), a análise do pé básico no Marubo revela alguns problemas, se mantida a proposta do inventário assimé-

Marubo:	
Problemas comuns às análises por troqueus silábicos e por troqueus moraicos:	Problema específico à análise por troqueus moraicos:
a) extrametricidade inicial à esquerda no nível da palavra (caso marcado, segundo Hayes (1995));	a) surgimento de acento secundário na sílaba átona ri de América – o que não corresponde à verdade do dado no momento de sua gravação.
b) pé degenerado no nível da frase - o que não é permitido segundo (1b).	

Como observamos nesta aplicação da proposta de Hayes, a análise por troqueus silábicos, vista em (4), faz surgirem: a) pé degenerado em posição forte no nível da palavra (o que é permitido) e no nível da frase, o que não é permitido, segundo Costa (1998)); e b) extrametricidade à esquerda, no nível da palavra, o que constitui um caso marcado, segundo Hayes; enquanto a análise por troqueus moraicos acrescenta à lista o surgimento de acento secundário na sílaba átona **ri** de América — o que não corresponde ao que foi efetivamente produzido como dado.

Percebendo que a questão central da Lei Trocaica-Iâmbica era a manifestação da duração no interior do pé mais do que sua presença no sistema, Kager (1993) propõe, como alternativa ao inventário assimétrico de Hayes, um inventário totalmente simétrico de pés, mostrado em (5). Para sustentar sua proposta, Kager toma por base McCarthy & Prince (1986), que formulam essa Lei a partir de princípios puramente lingüísticos, responsáveis por governarem o equilíbrio da quantidade no interior de pés de diferente nuclearidade.

(5) Inventário completamente simétricos de pés para a análise¹¹:

Troqueu	Moraico	Silábico
	(* .)	(* .)
	μ μ	σ σ

¹¹ Cf.: Kager (1993, p. 387)

Iambo


(. *)
 μ μ

(. *)
 σ σ

Parâmetros: - nuclearidade (governa o lado do pé em que é localizada a cabeça)
 - elemento acentuado: sílaba, mora.

Sob a perspectiva do inventário simétrico de Kager (1993)¹², Soares, Peixoto & Crespo (1998) desenvolveram uma análise para o acento do Marubo. Nessa análise, iampos podem ser marcados no léxico, sendo os troqueus obtidos por *default*, na palavra ou frase fonológica. Um exemplo dessa análise é mostrado em (6):

(6) Análise do acento em Marubo sob a perspectiva do inventário simétrico de Kager (1993): Trecho de diálogo¹³:


 ,wãkã tʃip:akĩ m̃ə ʎã ñõw ˆ ñõwtʃĩʃa
 / vakĩ tʃi pakĩ main tʃĩʃa /
 criança fogo cair quando arder, ardendo
 “quando a criança cai no fogo, arde”

1º estágio:

(* .) (*) (. *) (. *)

σ_1 σ_2 σ_3 σ_4 σ_5 σ_6 σ_7 σ_8 σ_9 $\sigma_{10}\sigma_{11}$ \Rightarrow
 va kĩ tʃi pa kĩ mai a nun ˆ nun tʃĩʃa

2º estágio:

¹² Kager (1993) propõe uma análise em pés baseada em janelas. Desta forma, a análise se dá através de uma construção progressiva, com a formação de uma nova estrutura à medida que a janela de análise adiciona um novo elemento. Kager (1993, p. 388) admite ainda, assim como Hayes (1991), que pés degenerados sejam tolerados apenas quando licenciados por uma proeminência de nível mais alto na grade métrica.

¹³ O diálogo, do qual foi extraído o trecho em questão, foi coletado em área Marubo, em 1990, pela indigenista Natália Gaudeda.

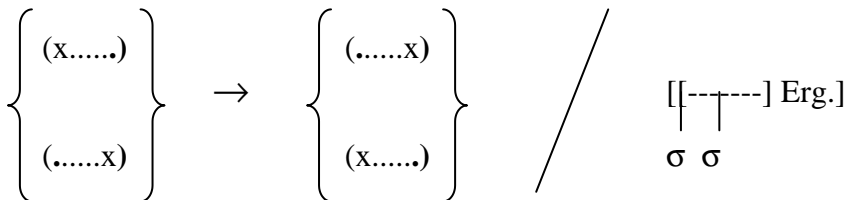
(* .) (*) (. *) (. *)
 [σ₁ σ₂ σ₃ σ₄ σ₅ σ₆ σ₇ σ₈] σ₉ σ₁₀ σ₁₁ ⇒
 ↑
 Não pode receber acento: criação de colisão

3º estágio:
 (* .) (*) (. *) (. *)
 [σ₁ σ₂ σ₃ σ₄ σ₅ σ₆ σ₇ σ₈ ^ σ₉₉]σ₁₀ σ₁₁ ⇒
 ↑ Sílabas retomadas: em função disso não é computada.

4º estágio:
 (* .) (*) (. *) (. *) (* .)
 [σ₁ σ₂ σ₃ σ₄ σ₅ σ₆ σ₇ σ₈ ^ σ₉ σ₁₀ σ₁₁]⇒...

A proposta desenvolvida por Soares, Peixoto e Crespo (1998) com base em Kager trouxe de imediato duas vantagens para o estudo da prosódia da língua Marubo: a) eliminou a extrametricidade à esquerda, nas palavras em que o acento incide na sílaba mais à direita; e b) permitiu a convivência entre troqueus obtidos por *default* e iambs marcados no léxico. Costa (1999), ampliando esse estudo inicial de Soares, Peixoto e Crespo (1998), e tendo em vista a proposta do Pano Reconstruído, de Shell, dispensa tratamento diferenciado para os iambs presentes no léxico e os resultantes da marcação de caso. Estes últimos são concebidos em virtude de uma regra fonológica presente em Costa (1999, p. 72) e Costa (2000, p. 174). A saber (7):

(7) Representação da relação entre acento e marcação de caso em dissílabos no Marubo em formulação provisória de Costa:



Notar bem: a representação do morfema de ergatividade no Marubo é: /nV-_{AI}/ - formativo de autonomia acentual, constituído por onset nasal e vogal alta não especificada quanto ao ponto de articulação¹⁴.

Em Costa (1999, 2000), a formulação dessa regra prevê, além da formação de iambos em virtude da marcação de caso e a passagem de troqueus a iambos, a sua presença no caso absolutivo. Os iambos do caso absolutivo estariam listados no léxico, sendo sua existência sustentada na base empírica da própria família Pano.

Em uma tentativa de lidar com o acento no Marubo a partir da noção de margem, e direcionando a análise para um percurso posterior pela via da Otimalidade, Crespo (1999) recorre a Harry Van der Hulst (a aparecer). Van der Hulst propõe a determinação do acento primário a partir de uma teoria baseada em margem, afastando-se da teoria métrica padrão, da qual Hayes e Kager são representantes. Van der Hulst distingue, em princípio, dois sistemas acentuais: a) sistemas contáveis, que realizam a contagem de sílabas para a atribuição do acento de palavra; e b) sistemas não-contáveis, que não fazem referência à estrutura rítmica para a atribuição do acento primário, bastando, para a localização do acento primário, uma referência à margem da palavra. Para Hulst, a localização do acento secundário ainda é feita com base na grade métrica e é pós-lexical. A formalização de sistemas contáveis e não-contáveis é vista em (8):

(8)

I Sistemas Contáveis (*Count Systems*):

¹⁴ Segundo Costa (1999, p. 67-69)), a vogal alta do formativo /nV-_{AI}/ pode se especificar, quanto ao ponto de articulação, através de uma regra de um espalhamento do traço de local da vogal precedente. O contexto para esse processo de espalhamento é dado por: (a) dissílabos em que a vogal final é portadora do acento, e (c) trissílabos cuja vogal final é /u/ ou /i/. Não havendo a especificação de V, essa não se realiza e a consoante nasal do formativo em questão se manifesta como nasalidade na vogal precedente.

linha 2	*		*		*
linha1	*		*		*
	[nɪnu	ru]	[amerika]	[raka]	Regra Final

Nível pós-lexical

linha 2	*		*		
linha 1	*		*		*
linha 0	(* *)	*	*	(* *)	* * *
	nɪnu	ru	amerika	raka	Regra Final

Tendo apoiado sua análise em Costa (1992, 1998), Crespo classificou o Marubo como sendo um exemplo de sistema não-contável. Assim, torna-se possível prever a coincidência entre a direção de análise de pés em Marubo (isto é, da esquerda para a direita) e a posição de localização do acento primário, determinada por uma regra final à esquerda. Desta forma, o Marubo enquadrar-se-ia dentro do que Hulst previu para os sistemas que não precisam realizar a contagem para a determinação do acento principal.

Tal coincidência não é estendida aos pés iâmbicos do Marubo, visto que neles a regra final de nível 1 (acento lexical) passa a ser à direita, violando o que está previsto na regra de acento lexical dessa língua (ver 1a). De modo que a construção de pés exclusivamente trocaicos na linha 1 deixa algumas sílabas sem possibilidade de análise. Esse fato já seria suficiente para classificarmos essa língua como sendo também um sistema do tipo contável, uma vez que há a perda da coincidência entre a direção de análise de sílabas em pés (à esquerda) e a localização do acento de palavra também à esquerda (linha 2), que passa a ser à direita. É ainda em Hulst , e a partir de Costa (1999), que

encontramos a base para uma argumentação que, não sendo capaz de eliminar a convivência entre troqueus e iambos no Marubo, a atenua substancialmente. Isso é possível na medida em que, para Harry Van der Hulst, a existência de sistemas que realizam contagem é um tanto falaciosa. Para ele, tais sistemas teriam origem, entre outras coisas, em trocas estruturais da localização do acento. Esse fato é confirmado na prosódia Marubo. Basicamente, podemos dizer que os verdadeiros iambos dessa língua são aqueles presentes no caso absoluto, pois se encontram primitivamente no léxico, enquanto os que se manifestam em virtude da marcação de caso ergativo são o resultado de uma acomodação rítmica no sistema prosódico da língua, a fim de não haver violações de certas restrições que parecem ser definidas a partir do nível 2 (nível pós-lexical) da regra de acento estabelecida por Costa (1998; 1999).

Além da presença de iambos que surgem pela via da marcação de caso ergativo, há dois outros fatores capazes de sustentar nossa interpretação de que as restrições prosódicas do Marubo seriam hierarquizadas a partir do nível 2 (acento pós-lexical). São eles: a) a intolerância a pés degenerados no nível 2, o que garante o padrão binário nesse nível de análise; e b) a impossibilidade de pés degenerados serem portadores de acento proveniente de regulação rítmica, cujo resultado é uma manifestação da aplicação da Regra Fonética de Regulação Rítmica, vista em (3).

Trazendo essas informações para o quadro teórico da Teoria da Otimidade, podemos dar tratamento às restrições que pesam sobre as regras do acento marcado e não-marcado presentes no Marubo. Constituem o acento não-marcado dessa língua os troqueus obtidos por *default* e os iambos que surgem devido ao caso ergativo; enquanto o caso marcado compreende os iambos listados no léxico. Seguem-se agora as restrições que parecem, em uma análise ainda preliminar, dar conta dos modelos acentuais do Marubo acompanhadas da respectiva hierarquização a que são submetidas dentro de cada modelo. Procuramos, com isso, explicar o porquê da formação desses padrões acentuais.

3 Tratamento do ritmo em Marubo nos termos da Teoria da Otimalidade

A seleção das restrições identificadas em (10) teve como critério de avaliação os princípios prosódicos que parecem ser atuantes na manifestação do acento rítmico da língua Marubo. Dessa forma, buscamos identificar os limites desse acento através da interação entre diferentes categorias prosódicas e o conceito de margem inerente a essas mesmas categorias. Pretendemos, com isso, tornar mais evidentes os efeitos da Regra Fonética de Regulação Rítmica dessa língua, cuja forma de manifestação parece ser definida a partir do nível pós-lexical. A noção de que as regras fonológicas que importam para a definição do ritmo do Marubo são definidas a partir do nível 2 pode ser melhor compreendida, entre outras coisas, pela restrição (* σ) que proíbe monossílabos de portar acento pós-lexical. Essa restrição é derivada do fato de a língua nesse nível proceder à eliminação de monossílabos, uma vez que prevê que as regras de derivação morfológica já tenham sido efetuadas em níveis anteriores, isto é: no nível lexical – o que apontaria para uma íntima relação entre a prosódia da língua e a estruturação morfológica das palavras. A relação mantida entre o ritmo e a silabificação da língua já permite evidenciar que a interface morfologia/prosódia seria definida em termos de restrições de alinhamento entre constituintes dessas duas categorias, cujo alinhamento teria seus efeitos percebidos somente no nível pós-lexical através dos fenômenos de apagamento aí localizados. A adoção de restrições de alinhamento, sobretudo aquelas que, tratando de categorias prosódicas maiores, forcem o ajustamento de suas margens com as de categorias prosódicas menores, constitui fonte de evidência para a importante participação de categorias prosódicas definidas no nível pós-lexical no processo de ajustamento rítmico da língua em questão.

Cabe ressaltar, ainda, em relação às restrições selecionadas, que o alinhamento de pé (Pé, Esquerda, Pal. Prosod., Esquerda) é responsável pela eliminação da extrametricidade à esquerda, cuja identificação em um dado sistema é tratada como exemplo de caso marcado por Hayes (1995). Com essa restrição, então, contribuímos tanto com a postura que rejeita a existência de extrametricidade à esquerda no Marubo, quanto também explicamos as razões para que esse tipo de

extrametricidade não seja bonificado pelo sistema rítmico da língua. Em outras palavras, estamos dizendo com a restrição de alinhamento de pé que a margem de cada pé de uma palavra busca coincidir com a margem da palavra prosódica — o que torna essa uma restrição cuja violação é gradualmente computada. Logo, concluímos que a estrutura prosódica da língua exige que a primeira sílaba de um item lexical seja integrada à estrutura do pé, permitindo, com isso, a coincidência de margens entre essa categoria e a margem esquerda do palavra prosódica, no nível pós-lexical.

(10) Elenco de restrições:

(x)

- i- * σ : Pé degenerado não deve portar o acento de frase.
- ii- FIDELIDADE AO ACENTO DA BASE: O acento marcado no input deve ser preservado no output.
- iii- FORMA DO PÉ (*Foot Form*): O pé básico é o troqueu silábico.
- iv- ALINHAR PALAVRA PROSÓDICA (Pal. Prosód., Direita, Pé, Direita): Alinhar a palavra prosódica à direita com o pé à direita, isto é, o final de uma palavra prosódica deve coincidir com um pé à direita.
- v- ALINHAR PÉ (Pé, Esquerda, Palavra Prosódica, Esquerda): Alinhar o pé à esquerda com a palavra prosódica também à esquerda, isto é, o pé mais à esquerda deve coincidir com o início da palavra prosódica
- vi- ANALISAR SÍLABAS (*Parse Syllable*): Todas as sílabas da palavra devem ser analisadas em pés. Condição de análise exaustiva de sílabas em pés¹⁷.
- vii- ALINHAR CABEÇA DO PÉ (Pé (H¹⁸), D, Pal. Prosod., D): Alinhar a cabeça do pé à direita com a palavra prosódica à direita.

Estabelecendo uma comparação contrastiva, o que temos, em relação às restrições de alinhamento, basicamente, é:

¹⁷ Kager (1993), ao se referir à condição de exaustividade, adverte-nos de seu caráter essencialmente representativo na configuração de palavras em pés. Não constitui, desta forma, necessidade inerente das línguas naturais.

¹⁸ H =cabeça.

Alinhar Palavra Prosódica (Pal. Prosódica, Direita, Pé, direita):	Alinhar Pé (Pé, Esquerda, Palavra Prosódica, Esquerda):	Alinhar Cabeça do Pé (Cabeça do pé, Direita, Palavra Prosódica, Direita):
A margem direita da palavra prosódica deve coincidir com a margem direita do pé localizado a sua direita.	A margem esquerda de cada pé deve ser alinhada a partir da margem esquerda de sua palavra prosódica. Desta forma, cada pé é avaliado em termos da distância que guarda em relação à margem esquerda da palavra prosódica (cf. McCarthy & Prince “Generalized Alignment”)	A cabeça de cada pé deve estar alinhada a partir da margem direita de sua palavra prosódica.

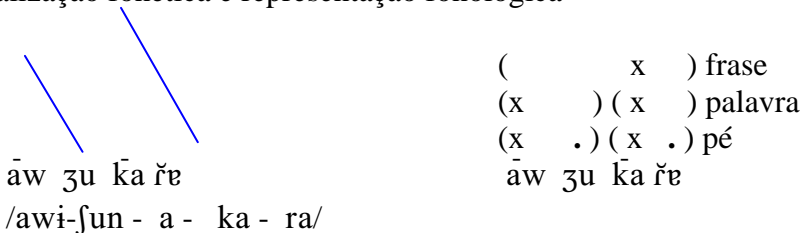
A nossa proposta de hierarquia de restrições que parece operar em Marubo encontra-se em (11).

(11) Hipótese de Hierarquia: * (σ), Fidelidade ao Acento de Base >> Alinhamento de Palavra Prosódica >> Alinhamento de Pé >> Forma do Pé >> Analisar Sílabas.

Essa proposta reúne os acentos não marcados de natureza rítmica e/ou morfológica, congregando, respectivamente, tanto os troqueus da língua quanto os iambos que surgem por efeito da marcação morfológica do caso ergativo. Os quadros em (12 b) e (13b) abaixo demonstram nossa proposta de manter a mesma hierarquia para os troqueus criados por *default* e para os iambos de origem morfológica, conforme os termos da Teoria da Otimalidade.

(12)– Troqueus silábicos:

a. Realização fonética e representação fonológica



-Qu Prov Aux Pres. Int
 “ Para que serve”

b. Exemplificação da Hierarquia proposta¹⁹:

/awiʃun a ka ra/	(*σ)	Fid. ao acent.	Alinhar Pal.Pros D	Alinhar Pé E	Forma do pé	Anal .Sil.
(* .) (* .) →[(^l awʒu)(^l karɐ)]				*		
(* .) (. *) [(^l awʒu)(ka ^l rɐ)]				*	* !	
(. *) (. *) [(aw ^l ʒu)(ka ^l rɐ)]				*	* ! *	
(* .) [(^l awʒu) karɐ]			* !			* *

(13) Iambos com origem na marcação de caso ergativo:

a. Representação fonética e fonológica

	(x) frase (x) palavra (. x) pé	
wã ^l ṗɐ	wã ^l ṗɐ	/ ^l wapa + ^l nV ₁ / ²⁰
“cachorro”		cachorro morfema de caso ergativo

b. Exemplificação da Hierarquia proposta:

/wapa + ^l nV ₁ /	* (σ)	Fidel ao	Alinh. Pal.	Alinh. Pé	Forma	Anal. Sil
--	-------	----------	-------------	-----------	-------	-----------

¹⁹ Símbolos utilizados: (i) → = indica o forma ótima escolhida no output lingüístico; (ii)] = margem direita da palavra prosódica (*Prosodic Word*); (iii) [= margem esquerda da palavra prosódica (*Prosodic Word*); (iv)) = margem direita do pé; (v) (= margem esquerda do pé; (vi) ^l = indica acento de palavra; (vii) ^l = indica acento rítmico.

²⁰ Ver nota 14.

	acent.	Prosodic.		do pé	
(. *) →[(wa [!] pẽ)]				*	
(* .) [([!] wapa) nV ₁]	*!	*			*
(* .) (*) [([!] wapa) ([!] nV ₁)]	*!		*!		
(* .) [([!] wapẽ)]	*!				

Para tratarmos dos iambos que se fazem presentes a partir de acento já existente no *input*, dizemos, da mesma forma que Soares, Peixoto & Crespo (1998) e Costa (1999, 2000), que tais iambos se encontram presentes no léxico. Nesse caso, em virtude de seu aparecimento, é ativada a restrição de alinhamento de cabeça de pé à direita, vista anteriormente em (10), e cuja localização na hierarquia de restrições pode ser encontrada em (14). Observamos, então, na hierarquia proposta em (14), uma inversão de posições entre as restrição de alinhamento de pé à esquerda e a restrição de alinhamento de palavra prosódica à direita. Soma-se a isso o aparecimento da restrição alinhar cabeça de pé em uma posição alta na hierarquia.

(14) Hipótese de hierarquia: * (σ), Fidelidade ao Acento da Base >> Alinhar Pé >> **Alinhar Cabeça (H) de Pé** >> Alinhar palavra Prosódica >> forma do Pé >> Analisar Sílabas.

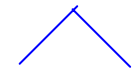
A restrição de alinhamento de cabeça de pé à direita entra em relação de substituição com a restrição de alinhamento de palavra prosódica com pé pela direita – o que pode sugerir, em uma abordagem preliminar, a ocorrência de uma disputa no quadro de restrições, originado por uma situação de conflito entre as duas restrições mencionadas.

As relações de alinhamento que levam ao surgimento dos verdadeiros iambos do Marubo podem ser vistas abaixo em (15). Uma compreensão do funcionamento dessas relações de alinhamento pode explicar a preservação do acento que está na base e sua convivência na

língua com os outros dois tipos de acento (o acento em pés trocaicos e o acento em pés iambicos resultantes de trocas rítmicas).

(15) iambos do caso absoluto²¹ (caso marcado):

a. Representação fonética e fonológica



a'mērika

(x) frase
 (x) palavra
 (. x) pé

a'mērika

²¹ Preferimos manter a análise de “América”, palavra tomada por empréstimo, em virtude de ela fazer parte da estrutura maior de uma narrativa. Não obstante, poderíamos ter usado qualquer outro exemplo retirado ou do **corpus** tratado por Costa ou dos dados coletados pela indigenista Natália Gaudeda que o resultado por nós encontrado seria mantido.

/a ¹ merika/	* (σ)	Fid. Ac	Alinh.Pé	<i>Alinh. P (H)</i>	Alinh. Pal. Prosodic.	Forma do pé	Anal. Sil.
(. *) →[[a ¹ me]ri ka]					*	*	* *
(* .)(* .) [[¹ ame](¹ rika)]		*	*	*!*			
(. *)(* .) [[a ¹ me](¹ ri ka)]			*	*!		*	
(. *) [ame (ri ¹ ka)]		*!	*			*	* *
(. *)(* .) [[a ¹ me](ri ¹ ka)]			*!			*	
(* .) [a(¹ meri) ka]			*	*!	*		**

Com a nova hierarquia estabelecida é possível perceber os efeitos da presença do acento marcado na prosódia da língua indígena Marubo. Assim, basicamente podemos dizer que a manifestação do iambo tem origem na necessidade de alinhamento da cabeça do pé com a margem direita da palavra prosódica. Dizemos, pois, que a cabeça do pé busca coincidir com a margem direita de sua palavra prosódica. Rítmicamente, temos o conflito entre as restrições: **1) ALINHAR CABEÇA DO PÉ** (Foot (H), D, Prosodic Word, D); e **2) ALINHAR PALAVRA PROSÓDICA COM PÉ** (Pal. Prosód., Direita, Pé, Direita). A primeira orienta a cabeça do pé à busca pela margem de sua palavra prosódica, ambos à direita; enquanto a segunda orienta a palavra prosódica à busca pelo alinhamento com o seu pé, também em relação às margens direitas de ambas as categorias. Portanto, a diferença fulcral entre as duas definições, responsável pelo surgimento do conflito entre elas, cujo resultado é a emergência do acento marcado, é a distinção feita entre as sílabas dominada e dominante do pé. A distinção entre as sílabas dominada e dominante é irrelevante para o alinhamento de palavra prosódica com pé, mas fundamental para o alinhamento da cabeça do pé com a palavra prosódica.

Em termos de mudança lingüística, nosso estudo sobre a prosódia Marubo, sob a perspectiva teórica/metodológica oferecida pela Teoria da Otimalidade, mostrou que o aparecimento de iambos nessa língua indígena é prosodicamente condicionado por restrições de alinhamento. Dessa forma, os verdadeiros iambos da língua são raros e fruto do conflito entre as restrições: a) Alinhamento de cabeça de pé com palavra prosódica, responsável pela formação de iambos; e b) Alinhamento de palavra prosódica com pé. Os iambos devidos à marcação de caso ergativo, por sua vez, têm seu aparecimento condicionado pelo esforço do sistema prosódico em evitar estruturas ritmicamente mal formadas, como: a) pé degenerado no nível pós-lexical; e b) o desalinhamento pela direita entre a palavra prosódica e o pé, tal como mostrado anteriormente em (14). Dessa forma, dizemos que os iambos presentes no Marubo em virtude da marcação de caso ergativo não estão em relação de substituição com o pé básico dessa língua, isto é, o pé trocaico. Sua presença no sistema acentual é motivada pela hierarquia de restrição de boa-formação rítmica da língua. Por outro lado, os iambos presentes no léxico têm sua presença no sistema acentual Marubo motivada pela base lingüística da própria família Pano. Tais iambos, raros na língua, entram em relação de substituição com o pé básico, cuja direção de mudança parece ter sido definida em favor do pé trocaico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, R. G. R. **Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. Aspects of ergativity in Marubo (Panoan). **The Journal of Amazonian Languages**, v. 1, n. 2, p. 50-103, 1998.

_____. **Aspectos da Fonologia Marubo: Uma visão não linear**. 1999. Monografia de qualificação (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Aspectos da Fonologia Marubo: Uma visão não linear**. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRESPO, Luciana Nascimento. O Nível Pós Lexical: Um exercício em Narrativas Marubo. In: CONGRESSO DA ASSEL, n. 8, 1999, Rio de Janeiro. **Anais do VIII Congresso da ASSEL-Rio**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies**. UCLA, 1991. Trabalho não publicado.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

HULST, H. G. VAN DER. Primary accent is non metrical. **Revista de Linguística**, (a aparecer).

KAGER, R. Alternatives to the Iambic-trochaic Law. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 11, p. 291-432, 1993.

MCCARTHY, John J.; PRINCE, Alan S. **Prosodic Morphology I. Constraints Interaction and Satisfaction**. 1993a.

_____. Generalized Alignment. In: **Yearbook of morphology**. Massachusetts: University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University, 1993b. p 79-154 (ROA - 7).

_____. Hierarquy without Constituency in Stress Theory. Paper given at the **A. P. Sloan Toundation Workshop in Phonology**. Massachusetts: University of Massachesetts, Amherst, 1983 b. Trabalho não publicado.

PRINCE, Alan. Relating to the Grid. **Linguistic Inquiry**, n. 14, p. 19-100, 1983 a.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. **Prosodic Morphology**. Massachusetts: University of Massachussets and Brandies, 1986. Trabalho não publicado.

_____. **Optimality theory. Constraints interaction in generative grammar**. 1993. Trabalho não publicado.

ROCA, Igg. Secondary Stress and Metrical Rhythm. **Phonological Yearbook**, n. 3, p. 330-341, 1986.

SELKIRK, Elizabeth. **Syntax and Phonology**: The Relation Between Sound and Structure. Cambridge: MIT Press, 1984.

SHELL, Olive A. Las Lenguas Pano y su Reconstruccion. **Estudios Pano III**. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1975.

SHERRARD, Nicholas. Questions of Priorities: An Introductory Overview Of Optimality Theory In Phonology. In: ROCA, Iggy. **Derivations and Constraints in Phonology**. Oxford: Claredon Press, 1997. p. 43-89.

SOARES, M. F.; PEIXOTO, J. DOS S.; CRESPO, L. N. A. Contribuição do Marubo à tipologia dos Padrões acentuais. In: XVI JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE, 1999, Fortaleza. **Atas da 16ª Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999. p. 630-637.